

## **CUMIEIRA E ESTADO DE BUDA: UM ENCONTRO NA RELIGIOSIDADE BRASILEIRA**

**Mayara Souza de Assis**

**Ivy Marins Brum**

Alunas do Bacharelado em Dança  
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ  
Pesquisa em Africanidade na Dança-Educação – PADE  
Rua Ângulos Jubilosos, n.32, Paciência, Rio de Janeiro, RJ  
(21) 3409-7432 / (21) 7278-3633

**Resumo:** Este projeto nasce motivado pela reflexão que surge a partir do II Seminário de Integração Universidade – Povos de Terreiro, realizado pelo Projeto de Pesquisa em Africanidade na Dança-Educação (PADE), em 26 de maio de 2013, na Comunidade Terreiro Ilê Asé Odé Omo Oju Omin, que significa a Casa de Energia do Filho do Caçador dos Olhos D’água. Projeto esse vinculado à Companhia Folclórica do Rio - UFRJ. A partir de análises que em nossa percepção em campo, aproximam duas culturas milenares: O Candomblé de Ketu proveniente da Nigéria África, e o Budismo Nitiren Daishonin, de origem japonesa. Nosso olhar se volta para a relação entre a estrutura espacial localizada no meio do Terreiro de Candomblé de Ketu, a “Cumieira” e o “Estado de Buda” presente no interior de cada indivíduo, de acordo com o Budismo Nitiren Daishonin.

**Palavras-chave:** diversidade, simbolismo, cultura.

### **Introdução**

Este projeto nasce motivado pela reflexão que surge a partir do II Seminário de Integração Universidade – Povos de Terreiro, realizado pelo Projeto de Pesquisa em Africanidade na Dança-Educação (PADE), em 26 de maio de 2013, na Comunidade Terreiro *Ilê Asé Odé Omo Oju Omin*, que significa a Casa de Energia do Filho do Caçador dos Olhos D’água. Projeto esse vinculado a Companhia Folclórica do Rio - UFRJ. A partir de análises que em nossa percepção em campo, aproxima duas culturas milenares: O Candomblé de Ketu proveniente da Nigéria África, e o Budismo Nitiren Daishonin, de origem japonesa. Nosso olhar se volta, para a relação entre a estrutura espacial localizada no meio do Terreiro de Candomblé de Ketu, a “Cumieira(1)” e o “Estado de Buda” presente no interior de cada indivíduo, de acordo com o Budismo Nitiren Daishonin. Através desse trabalho, ainda em processo de desenvolvimento, buscaram-se semelhanças ritualísticas no que diz respeito ao simbolismo Cumieira e Estado de Buda, a fim de salientar algumas particularidades que o aproximam preceitos religiosos, tão aparentemente e historicamente diferentes, criando um entrelace de culturas dentro da religiosidade brasileira.

Levando-se em conta uma grande diversidade de vertentes budistas existentes propagadas e praticadas em diversas partes do mundo e as influências recebidas de culturas

distintas (indianas, chinesas e japonesas) (2), no presente trabalho, quando falamos de Budismo nos referimos à vertente japonesa do Budismo “Nitiren Daishonin”, este praticado, estudado e propagado dentro da Soka Gakkai Internacional (Associação de Criação de Valores), organização Budista que se alicerça com base na educação como veículo para desenvolvimento humano. As conexões religiosas aqui apresentadas baseiam-se nos pensamentos, práticas e símbolos dentro do Budismo Nitiren Daishonin, e são frutos de uma vida de vivências familiares, e de pesquisa dentro dos preceitos desta religião, bem como, as relações também aqui estabelecidas com alguns símbolos da religião Candomblé de Ketu se desenvolvem a partir das experiências e estudos das autoras, dentro do projeto de extensão da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pesquisa em Africanidade na Dança-Educação (PADE), onde essa pesquisa e as conexões aqui traçadas estão sendo passíveis de desenvolvimento.

## **1. Projeto Pesquisa em Africanidade na dança-educação (PADE)**

O Projeto de Extensão de Pesquisa em Africanidade na Dança-Educação tem como objetivo, pesquisar e promover a aproximação do culto do Candomblé com profissionais de educação da rede pública e da importância desta pesquisa e ensino através de oficinas de sensibilização, de forma a implementar ações afirmativas que evidenciem a importância dessa tradição dentro da cultura popular brasileira, contribuindo assim para superação do ambiente de preconceito e intolerância. Promovendo trocas de experiências entre os terreiros de Candomblé, os profissionais da educação e alunos dos cursos de Graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Essa aproximação visa estimular e afirmar o valor das Comunidades de Terreiro como patrimônio imaterial da cultura afro-brasileira. O projeto de pesquisa surgiu em 2010, por iniciativa do Professor Alexandre Carvalho dos Santos, coordenador e professor/orientador do projeto.

## **2. Candomblé e candomblé de Ketu**

No ano de 2009 o Candomblé fora reconhecido, como Patrimônio Imaterial do Estado do Rio de Janeiro, Lei nº 5506/2009 (Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro), o que fortaleceu esta ação e estimulou a aplicação da Lei nº 10.639 que alterou a Lei nº 9.394/1996, que “estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática história e cultura afro-brasileira” (Lei Federal) que inclui o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, ressaltando a contribuição do povo negro nas áreas cultura, social, econômica e política, pertinentes a história do Brasil do qual o Candomblé faz parte.

O tráfico atlântico de negros escravizados para as Américas trouxe para o Brasil povos africanos de diferentes regiões e em diferentes épocas, trazendo com eles sua diversidade cultural, religiosa, suas memórias e visão de mundo. Esta tradição religiosa, trazida da África por diferentes povos traziam consigo suas características particulares. Dessa diversidade é que surge em terras brasileiras a religião que se denominou “Candomblé”.

Destes grupos, se destacam diferentes cultos que se estabeleceram com características próprias no eixo Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo, formando então três diferentes cultos de candomblé no qual seus membros denominam Nações.

O primeiro grupo de negros escravizados, trazidos da África por volta de 1630 (3), foram os Bantus ou Bantos, vindos da região do Congo Angola. Estas práticas religiosas no Brasil se denominaram Candomblé de Angola, a qual seus membros cultuam os Nkisis (4). Por volta do século XVII, chegaram aqui os negros Fons ou Nação Jeje, vindo da região do Dahomé Nigéria, que cultuavam os Voduns (5). As práticas deste povo se caracterizaram mais tarde como Candomblé Jeje.

Entre o século XVIII e XIX, os negros Yorubás ou Nação Ketu, vindo da Nigéria, tinham em suas praticas rituais o culto aos Orixás, e é estas praticas e tradições que com semelhanças e diferenças das outras nações citadas anteriormente, estabeleceu-se como Candomblé de Ketu, sendo este ultimo que trataremos nesse trabalho. Estabelecendo um diálogo entre uma de suas estruturas do espaço terreiro a “Cumiera:

O poste central, além de sustentar a cumeieira, lembra aos adeptos o mito de formação do mundo, isto é, a corrente que ligou o Orum ao Aiyê, por onde desceram os orixás povoando o mundo e criando os homens. E em volta dele que se desenrolam os cânticos e danças que rememoram a saga dos orixás. O sentido da dança é contrário ao dos ponteiros do relógio, isto é, o movimento lunar. Os cânticos, sempre acompanhados pela orquestra ritual, são entoados em coro e em língua ancestral, isto é, o Iorubá litúrgico. (BARROS, 2011).

Trazendo e distribuindo sua força, energia e poder, que na língua yorubá falada nos terreiros designa-se “Axé”. Estabelecendo um dialogo com o “Estado de Buda” que falaremos mais a frente. No entanto para entendermos essa relação, temos que conhecer o Budismo Nitiren Daishonin.

### **3. Budismo Nitiren Daishonin**

De início, desenvolvamos como se deu o surgimento do Budismo, de acordo com os ensinamentos dentro da Soka Gakkai. Diz a história Budista que num tempo entre por volta dos séculos V ou VI a.C.(6), havia um príncipe na região do Nepal que vivia “preso” na segurança de sua morada com sua família. Com uma determinada idade deparou-se com questionamentos sobre o que haveria para além dos muros, esse príncipe chamava-se Siddarta Gautama, ousou ultrapassar as fronteiras dos muros que cercavam o palácio e se deparou com as mazelas da vida humana. Atentou para os *Quatro Sofrimentos da Vida*: Nascimento, envelhecimento, doença e morte, para com os quais nunca havia antes se questionado. Envolto por essa questão pôs-se a analisar a vida e as coisas do mundo, os ciclos pelos quais passamos, e como tudo da vida tem seu ciclo e sobre as questões de ciclo do universo, sua motivação era “Ciclo das existências”, quanto tempo teríamos? Se nós acabamos, o Universo também assim é finito? Ao fim de cada Ciclo se inicia um novo? E o que há para vivermos e aprendermos nesse Ciclo? Quantos Ciclos se têm? “Começo e fim, direita e esquerda, pai e mãe compõem os limites da existência que se repete a cada ano.” (ROCHA, 2000).

Ao entrar nessa vida peregrinação mudou seu nome para Sakyamuni - literalmente, "o mais Sábio dentre os Sakya", sendo Sakya o Clã ao qual pertencia, sua etnia (IKEDA). Sakyamuni deu-se conta em um momento - *sentado a sombra de uma árvore* (7) - de que seus questionamentos nunca teriam um fim específico e não chegaria a uma conclusão final, pois a cada Ciclo de questões que terminava se abriam portas para outros Ciclos, que gerariam outros e assim, nada teria seu fim, mas sim, as coisas se moldariam a cada Ciclo findante e iniciante com as influências dos Ciclos anteriores, nesse momento ele teve sua primeira experiência com o Estado de Buda, um estado de vida de profunda meditação onde se tem consciência de si, dos outros, da sua função/missão (8) no Universo, Sakyamuni soube então que sua função/missão era fazer com que outras pessoas também contemplassem tal Estado de imanência (9), tomar como Divina a força que vem de dentro de si, que é seu próprio eu, o Estado de Buda, a Iluminação.

Viveu até os 80 anos transmitindo e pesquisando, transcreveu sua vida no Sutra de Lótus (10), dentro do Budismo Nitiren, o Escrito mais importante de Sakyamuni onde se estruturou primordialmente. Passado milênios surge Nitiren Daishonin no Japão, nascido em 1222, e que aos 16 anos decidiu seguir sacerdócio e através de estudos teve contato os Escritos de Sakyamuni, tinha como nome na época Zenshobo Rentyoe concluiu por si só em aprofundar-se no ensinamento do Budismo encontrado no Sutra de Lótus (Sakyamuni), mudou seu nome então para Nitiren - literalmente, "Sol de Lótus" (11). Se tornou o principal propagador dos ensinamentos de Sakyamuni no Japão na época, inaugurou uma religião. Como previsto e transcrito pelo próprio Sakyamuni no Sutra de Lótus, milênios após sua morte os seus ensinamentos seriam restaurados e propagados, em um tempo que ele denominou Últimos de Dias da Lei (12) - ou *Mappo* (13), segundo deduções do Buda, um período que culminaria com o início do declínio do Universo, o início do fim de um dos Ciclos do Universo, período no qual, de acordo com o escrito no Sutra de Lótus, as pessoas estariam preparadas para receberem e buscarem a compreensão de seus ensinamentos, pois seria o tempo onde elas mais precisariam entender sua missão/função no Universo. Fundador do Budismo Nitiren Daishonin é também denominado Buda Original (14) do Últimos Dias da Lei. Nitiren, após seu primeiro contato com a "iluminação", atribuiu uma frase que viria a ser o Mantra do Budismo Nitiren Daishonin, a Nam-Myoho-Rengue-Kyo, que em tradução são "Myoho", Lei Mística; "Rengue", Flor de Lótus (a única flor que produz ao mesmo tempo a flor e o fruto, símbolo da Lei de Causa e Efeito); "Kyo", Transformação do Carma, todos esses sufixados ao verbo "Nam", Devotar. Então, em tradução não literal, pode-se dizer que Nam-Myoho-Rengue-Kyo (15), seria "Devoção à Lei Mística da Causa e Efeito para a Transformação do Carma". Dentro do Budismo Nitiren Daishonin, este é o mantra que conduz a iluminação, a mesma que Sakyamuni e Nitiren atingiram, possibilita a nós unirmos a eles enquanto seres igualmente possuidores de estado de Buda.

Podemos já estabelecer um diálogo entre as duas culturas quando no livro "As nações Kêtu: origens, ritos e crenças: os candomblés antigos do Rio de Janeiro" de Agenor Mirando Rocha, Muniz Sodré fala sobre a religião e cultura de origem Africana:

Não se está longe de certos aspectos da doutrina hindu do karma inabalável, ou de consequências extremas com que nos acenam as escolas bramânicas do budismo. Mas o karma caracterizado pela inscrição ética do homem no mundo, relacionado com o desejo e a ação no grupo, o homem segue a voz do cosmos, impulsionado pelo desejo. (ROCHA, 2000)

#### 4. Estado de Buda e Cumieira

Estabelecendo um diálogo entre uma das estruturas espaciais do terreiro de candomblé de Ketu, a “Cumieira”, mastro simbólico que se localiza no meio do terreiro e seus significados de ligação entre mundo físico e o espiritual onde os membros do terreiro dançam no seu em torno no sentido anti-horário abrindo caminhos no transe e no encontro com seu divino. Esse divino são os Orixás que giram em torno da Cumieira trazendo e distribuindo sua força, energia e poder, que na língua yorubá falada nos terreiros designa-se “Axé”.

Acredita-se que Buda (Estado de Buda) é um potencial (força, poder) inerente no interior de cada Ser vivente, sendo budista ou não, entrar em Estado de Buda é a expansão, como um eclodir desse potencial que se abre dentro do corpo (como abertura de um canal interno) tomando conta do corpo/mente/espírito, é um estado consciente da existência onde se tem ainda maior emancipação de suas capacidades físicas e espirituais e se toma uma ampliada consciência de si, dos outros e do Universo.

#### 5. Pico da águia e terreiro

Dentro do Budismo quando se pesquisa sobre o Pico da Águia é natural que nos deparemos com os simbolismos e misticismo que envolve esse espaço, por ter sido o local onde por muitas vezes ao longo de sua jornada Sakyamuni pregou suas palavras aos seus discípulos, e também por ser dentro da doutrina budista o local mais aceito que diz respeito ao primeiro lugar onde a alma, o Ser em plano não material, se encontraria após a morte com todas as divindades, demônios e com o próprio Buda Sakyamuni e de onde também daria sua partida para um novo Ciclo na vida material. Mas Embora exista toda essa atmosfera ritualística, cerimonialística e mística em relação ao Pico da Águia, ele está relacionado a um lugar que de fato existe, uma montanha situada a nordeste Rajagrilha, que era a capital de Magadha na antiga Índia (IKEDA,2005).

Aqueles que se reuniram [no Pico da Águia] foram os homens de erudição e os bodhisattvas que habitavam na própria vida de Sakyamuni. Portanto, nada impede que participassem da assembléia até mesmo dez milhões desses homens de erudição e bodhisattvas. (IKEDA, 2005).

Dentro do Budismo tem-se a crença de que cada pessoa possui dentro de si, divindades e demônios que nos acompanham e que se alimentam de nossas palavras, orações e ações. Sua função é nos guiar e nos proteger e em troca nos cuidamos deles em nossas atitudes para que assim vivamos em harmonia. Posto que tais a seres não-humanos nos seguem e protegem, leva-se em conta que Sakyamuni ao convocar seus discípulos cada um vinha com esses seres não –humanos junto, invisíveis com os olhos de fora, mas Sakyamuni como tinha conhecimento, apesar de não estar vendo os sentia, e pelo simples fato da pessoa estar lá já estavam com ela, relata no Sutra de Lótus que suas palestras com milhões de seres, juntos humanos e não-humanos. O que diz serem “mil mundos em um único momento” (*Itinen Sanzen*). Dentro do Budismo Nitiren Dashonin também se observa esse momento durante as orações, onde essas divindades se organizam atrás da pessoa para

assim se alimentar do som da sua voz, onde se dedica o canto (o Mantra) e o som do sino em agradecimento a proteção dada por elas.

No candomblé de Ketu esse momento pode ser visualizado no Xirê (16), quando todos os Orixás reunidos à volta da Cumieira dançam embalados pelos tambores e as vozes que entoam cânticos rituais. Os Orixás se alimentam com esse canto e do Axé desse momento, havendo uma troca de energias, nesse local denominado Terreiro, é o sagrado, onde estão presentes, fisicamente e energeticamente, os elementos presentes nesta prática religiosa. Este local se apresenta como local sagrado, como um reflexo do mundo com as impressões na terra. Todos os objetos e estruturas ali presentes têm um simbolismo cósmico, comum e natural ao universo representado no físico de acordo com a história e o processo social pelo qual as pessoas que ali se inserem passaram. Local onde as pessoas lembram quem são e trocam energias com este local.

## **6. Diversidade religiosa**

Toda a história fez com que se desenhasse no ambiente a estrutura do candomblé com suas impressões da vida de um povo, de uma cultura, que se constrói aqui no Brasil através do mesmo pilar universal (comum), que se materializam de formas particulares com estrutura universal. Sendo a Cumieira uma forma desta estrutura universal materializada no ambiente com suas impressões pertinentes a vivência particular daquele povo. No candomblé de Ketu, este espaço de materialização se estabelece no ambiente, em um espaço denominado “terreiros”, “casas-de-santo”, entre outros, é a representação da memória coletiva, enquanto no Budismo Nitiren Daishonin se estrutura através do espaço do próprio corpo em relação com o ambiente. O Candomblé de Ketu e o Budismo Nitiren Daishonin, se formam, se estruturam e se materializam a partir de uma trama entre indivíduos, sociedades, regiões e cosmos, comum e natural ao universo, em seus diversos planos de existência. Assim como diversas estruturas que podem ser observadas e comparadas, porém, neste trabalho focamos no diálogo entre o “Estado de Buda” do Budismo Nitiren Daishonin e a Cumieira presente no Candomblé de Ketu.

O homem da tradição africana não é individualmente fechado, oposto a outros, mas parte de um todo que penetra e diante do qual é sempre responsável. O silêncio, o reprimimento, o segredo, constituem táticas de uma estratégia de relacionamento que convida o outro a conhecer o todo. O que só se faz aos poucos, por aproximação, cuidados, quando não pela iniciação ritualística. (ROCHA, 2000).

O terreiro como local sagrado, caminho que prepara para o transe, é assim como o Estado de Buda um caminho, um local que prepara o corpo. E nos dá um panorama da diversidade religiosa brasileira, nos conduzindo ao respeito e entendimento do valor e da importância desta, para a cultura popular e o povo brasileiro.

## Notas

(1) – Cumieira ou Cumeeira.

(2)- “O propósito básico de todas as escolas do misticismo oriental é a preparação da mente para a consciência imediata, não conceitual da realidade. Durante a história cultural da Índia, da China e do Japão, várias técnicas, rituais e formas artísticas foram desenvolvidas para se alcançar esse propósito”. OLIVEIRA, Valessa E. Dias de , 2004 – São Carlos – *Descrição da Dinâmica Afetivo-emocional de um praticante do Budismo*

(3) – LOPES/2000.

(4) - Nkisis são energias vivas da natureza ao qual são cultuadas dentro do candomblé de Angola.

(5) – Voduns é a denominação as forças cultuadas no candomblé de nação Jeje. Mas não são o mesmo que orixás, pois não pertence somente a estrutura de criação do planeta.

(6) – “As duas opções que prevalecem atualmente são de que Sakyamuni viveu de 560 a 480 a.C. ou de 460 a 380 a.C. , e ambas concordam que ele viveu oitenta anos; entretanto, há entre elas uma disparidade de cem anos. Em todo caso, acredita-se que Sakyamuni viveu em algum tempo no século V ou VI antes de Cristo”. SEIKYO, Editora Brasil, Julho 2008 – São Paulo – *Síntese do Budismo* pág.11.

(7) – “Buda passou por esta experiência quando estava em meditação sob a chamada Árvore de Bodhi (Árvore da Iluminação)”. OLIVEIRA, Valessa E. Dias de , 2004 – São Carlos - *Descrição da Dinâmica Afetivo-emocional de um praticante do Budismo*

(8) Dentro dos ensinamentos Budistas de define função e missão com significado semelhante, como sendo o motivo do advento do indivíduo nesse mundo.

(9) – Dentro dos ensinamentos Religião Imanência, representa quando o indivíduo procura e encontra o Divino dentro de si, uma força suprema interior. Do dicionário; Permanência – o que o afasta da Transcendência.

(10) - O Sutra de Lótus é considerado, dentro do Budismo Nitiren e também por algumas das principais Escolas de ensino religioso no Oriente, a Escritura mais importante que transmite os ensinamentos de Sakyamuni , compilado pelos discípulos do próprio esse livro onde estão transcritos momentos da vida e pregações do Buda ao longo de sua jornada, livro no qual se fundamenta inicialmente a doutrina do Budismo Nitiren Daishonin.”As pesquisas modernas estimam a data de sua compilação em torno do século I ou II da Era cristã” - SEIKYO, Editora Brasil, Julho 2008 – São Paulo – *Síntese do Budismo*,pág.42.

(11) – Sol de Lótus, no significação de ser ele um discípulo dos ensinamentos do Sutra de Lótus e o “Sol” no sentido da iluminação, por ser o Sol o astro mais iluminado, e que leva luz aos povos.

(12) – “Aqui, ‘Lei’ significa uma verdade ou princípio Eterno”. SEIKYO, Editora Brasil, Julho 2008 – São Paulo – *Síntese do Budismo*,pág.21.

(13) – “Nesse sentido, podemos dizer que o Sutra de Lótus prediz a necessidade do aparecimento de um budismo novo e poderoso nos Últimos Dias da Lei” SEIKYO, Editora Brasil, 2003– São Paulo – *Síntese do Budismo*,pág.49

(14) – “O *Nam-Myoho-Rengue-Kyo* é definido como a Lei Original de *KuonGanjo*, significando a Lei existente desde o passado infinito.(...)Daishonin é iluminado originalmente por essa Lei; em outras palavras, sua vida originalmente é igual à Lei(...). Portanto é chamado de Buda Original de *KuonGanjo*”. SEIKYO, Editora Brasil, 2003 – São Paulo – *Síntese do Budismo*,pág.74

(15) –“(…) O Sutra de Lótus é uma declaração da iluminação de Sakyamuni `Lei da Vida, o Nam-Myoho-Rengue-Kyo é efetivamente a Lei da Vida(...)oculta na profundezas do Sutra de Lótus.”SEIKYO, Editora Brasil, 2003 – São Paulo – *Síntese do Budismo*, págs.74 e 75

(16) – Xirê traduzido muitas vezes como festa, dança, roda. É o momento em que os orixás são invocados, reverenciados e dançam ao redor da Cumieira no terreiro de Candomblé.

## Referências

- BARROS, José Flávio Pessoa de, 2011. *O Espaço Sagrado Nos Candomblés* Nagô. Revista del CESLA. Uniwersytet Warszawski. Polónia.
- BRASIL, **Lei nº 12.288**, 2010.
- BRASIL. **Lei nº 5506**, 2009.
- BRASIL. **Lei nº 9.394**, 1996.
- BROWN, Diana, 1985. **Uma história da umbanda no Rio de Janeiro**.In *Umbanda & Política*.Caderno do ISER (Intituto de Estudos de Religião) nº18.Rio de Janeiro:Ed. Marco Zero.
- CUCHE, Denys,1999. **A noção de cultura nas sociais**. Paris:Edusc.
- ELSEBIN, Juana,1976, **Os Nagô e a Morte: Padê Asse e Culto Egungun na Bahia**, Editora Petrópolis Vozes.
- FONSECA, Eduardo Pacheco de Aquino,1999. **Candomblé:a dança de vida; um estudo antropológico sobre afiliação à religiões afro-brasileiras**. Recife:FJN, Ed.Massangana.
- LIMA,Vivaldo da Costa,1984. **Nações de Candomblé**. In Encontro de Nações de Candomblé. Salvador, Centro de Estudos Afro-asiáticos da UFBA e Ianamá
- OLIVEIRA, Valessa E.Dias de, 2004, Monografia **Descrição da Dinâmica Afetivo-emocional de um praticante do Budismo**,Universidade Federal de São Carlos.
- ROCHA, Agenor Miranda, 2000. **As Nações Kêtu: origens,ritos e crenças:os candomblés antigos do Rio de Janeiro**. 2ª Ed. Ampliada Mauad.
- ROCHA,José Geraldo da, 2001. **Guia de direitos do brasileiro afro-descendente: Religião e ética**. 2.ed. Brasília: Ministério da Justiça.
- SANTOS, Edson Fabiano dos, 2007. **Religiões de matrizes africanas: raízes da sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: CEAP.
- SEIKYO, Editora Brasil, 1998. **Guia Prático do Budismo**. São Paulo.
- SEIKYO, Editora Brasil, 2003, Coodenação Maria Lourdes dos Santos, *Síntese do Budismos* .São Paulo.
- SOUZA, Mônica Lima e, 2009. **Heranças africanas no Brasil**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: CEAP.